

FERRACINI, Renato. **Presença e Vida. Corpos em arte.** Ator-Pesquisador LUME – UNICAMP, Professor e Orientador no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP, Coordenador de Projeto Temático – FAPESP

## RESUMO

Ao tomar os conceitos de "presença" e "vida" como temas atravessadores - mais especificamente como entendidos no LUME Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais UNICAMP, a saber: como aspectos relacionais e composicionais que rejeitam a questão de serem atributos específicos de corpos individuais - o artigo pretende problematizar e investigar dupla pergunta/meta/problema: a realização de experiências, ou efeitos de presença, pensados como tensão de encontro na busca de um aumento qualitativo de potência, pode ser produtor de vida enquanto geração e recomposição de graus ampliados de intensidade nos encontros? E podemos proporcionar, nesse ato, a produção de uma saúde que não passa pelo saudável do músculo, do orgânico e do bem vivido, mas pelo compartilhamento de experiências poéticas coletivas?

PALAVRAS CHAVE: Presença, Vida, Corpo, Saúde.

## ABSTRACT

Taking the concepts of "presence" and "life" as middlemen themes - specifically as understood in LUME Interdisciplinary Center for Theatrical Research UNICAMP, namely: how relational aspects and compositional who reject the question of whether specific attributes of individual bodies - the text aims to question and investigate a double question / goal / problem: conducting experiments, or effects of presence, designed as tension against the search for a qualitative increase in power, can be a producer of life while generating and recomposition of degrees of intensity magnified in meetings? And we can provide, this act, the production of a healthcare does not pass through healthy muscle, organic and well lived, but by sharing collective poetic experiences?

KEYWORDS: Presence, Life, Body, Health

Existe uma metáfora bastante utilizada nos meios da arte presencial que vincula diretamente a suposta presença da atuação a uma certa “vida”. Se um ator, dançarino ou performer é potente em sua atuação diz-se, comumente, que ele está “presente” ou ainda que aquela seria uma atuação “viva”, pulsante. Portanto, “vida e presença” nos força a pensar, senão em uma igualdade direta, ao menos em um “entre” da relação desses dois conceitos. Partimos do pressuposto de que propor essa relação como um problema nos coloca em um terreno de questões prementes, acreditamos, especialmente para o pensamento cênico contemporâneo:

- 1) Para onde nos leva o conceito de presença apresentado na contemporaneidade?
- 2) A que nos remete o conceito de vida, ou mais especificamente potência de vida hoje?
- 3) Se a intercessão dos territórios dessas questões produzem pensamentos, saberes e práticas, qual seria a cartografia desses pontos de intercessão e de distanciamento?

O pressuposto inicial desse texto é de que a metáfora de sinonímia utilizada no terreno da arte presencial – presença implica-se com vida - possui uma grande potência de ação prático-teórica. Acreditamos, ainda, que a delimitação conceitual dos termos se interpenetram em pontos específicos, ou seja, o pressuposto é afirmativo em relação a terceira questão acima apresentada. A consequência óbvia dessa conjectura é que ao se cogitar a relação positiva entre vida e presença, tanto o termo vida pode ser pensado como produtor específico de efeitos de presença como os efeitos de presença podem ser geradores de outras intensidades de vida.

Mas como devemos pensar o estado da arte dos conceitos de presença e vida para que esse pressuposto relacional tenha um estado inicial mínimo de coerência?

**PRESENÇA:** este ensaio não pensa a presença do ponto de vista do ator em seu processo de treino, ensaio ou apresentação. Ele pressupõe pensar experiências de presença ou ainda efeitos de presença no qual qualquer tipo

de relação afetiva com seus elementos materiais “tocará” os corpos que estão em relação de modos específicos e variados, ou seja, essa inter-relação material entre-corpos está sempre sujeita a efeitos de maior ou menor intensidade (Gumbrecht: 2010, 39). “Relação afetiva” deve ser pensada, aqui, portanto, como corpos que em suas materialidades afetam e são afetados.

Entendemos a presença não como atributo específico de um corpo, nem como elemento localizado na capacidade de afeto do receptáculo-público, mas uma presença-acontecimento-espetáculo que mobiliza os agentes da cena (público e atores) para outros planos poéticos e de experiência. Pensamos aqui em uma presença que se constrói em rede e que segue a esteira da estética relacional de Bourriaud “[...] uma arte [no nosso caso uma presença] que tomaria como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, mais que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (Bourriaud: 2006, 13).

É esse contexto que acolhe o conceito de presença: não como uma potência privada, um atributo individual localizável e inteligível que teria como objetivo um simples “chamar a atenção do público” (cf. Pavis: 2001); mas, sim, como efeitos de presença que são produzidos por uma porosidade relacional dos corpos numa sempre ontogênese da ação em ato; uma certa escuta do fora que inclui o outro, o espaço e o tempo na tentativa de estabelecer uma relação coletiva de jogo potente e poético. Uma presença da composição poética de múltiplos corpos em relação de ampliação de potência e diferenciação de si. Deve-se entender, portanto, o efeito de presença como certa materialidade da ação própria do encontro no qual se produz essa ontogênese de corpos em ação.

Ao se pensar num corpo cênico, essa ontogênese pode territorializar uma zona de turbulência intensiva enquanto potência proporcionada pela imanência atual e virtual do corpo em zona de jogo ou de arte. Gera um acontecimento infinito na própria finitude do corpo ampliando-o a possibilidades múltiplas: os corpos em contaminação, todos em sua simples pequenez, infinita finitude, sem qualquer além, aquém, mas com um poder de criação, de autocriação. Presença como estar num presente do presente (Fabião: 2009), ou ainda, um

presente que conjuga no mesmo terreno de um ser e um estar: presença como serestar (Colla: 2013). Efeitos de presença como zona de forças em relação, poder de afetar e de ser afetado, gerando um maior poder/força de ampliação de ação.

A presença de um ator não é simples produção de ações e gestos no tempo/espaço, mas (in) produção, diluição, capacidade que esse corpo possui em se lançar, ele mesmo e os espectadores, em zonas de contágio e turbulência, criando e gerando a presença dessa zona virtual e intensiva. Presença de um corpo-subjétil é a capacidade de sua virtualização e, portanto, em última instância e paradoxalmente, a presença=capacidade de não-presença. É dessa forma que presença aqui só pode ser pensada como Efeitos de Presença pois vincula um estado coletivo e relacional que conecta e dilui as individualidades numa potência coletiva de ação. Efeito de presença, então, entendido como ontogênese de ação em ato que busca aumento qualitativo de potência coletiva.

VIDA: não pensamos o conceito de vida, de forma alguma, como um atributo do orgânico, vida orgânica (eu estou vivo!) nem tampouco a um modo específico de viver, um modo como eu “levo” a vida (eu vivo dessa maneira!). Estamos, portanto, trabalhando com uma perspectiva diferente da vertente biológica respaldada na racionalidade biomédica. A vida não está restrita à dimensão do externo, do de fora que justifica a intervenção na dimensão interna mas “... uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria...” (Deleuze e Guattari: 1992, 98). A vida aqui, portanto, é pensada como intensidade (aquela pessoa emana vida!). Mas mesmo sendo intensidade, não podemos pensá-la nem como certa propriedade do orgânico, mas, sim, como capacidade intensa de inventividade e composição. A vida se desenha, no âmbito desse texto, como força-capacidade de gerar outras formas possíveis de relação com as matérias de expressão disponíveis num meio dado, sejam elas orgânicas ou não. Vida como capacidade de composição potente, ou seja: “toda uma vida inorgânica” (Deleuze, 1992). Essa “vida” deve ser tratada como uma força (jamais um elemento!) de composição, recriação e diferenciação qualitativa

constante responsável pela instauração de uma dinâmica de autocriação (as “máquinas autopoieticas” de Maturana e Varela, 2001). Ao ser pensada como força se torna uma potência que relaciona e compõem corpos, partes de corpos e matérias de expressão e, portanto, assim como os efeitos de presença, só pode ser localizada num espaço-território de invisibilidade intra-intre-corpos. Essa força-vida-inorgânica não pode ser um ponto definível e localizável, nem dentro de uma suposta in-corporeidade virtual, nem dentro de um organismo corporal material, nem dentro de qualquer elemento individual. Essa “vida” no trabalho de ator se realiza, então, por uma diagonal que atravessa essas forças corpóreas e incorpóreas, funde-se com elas formando uma grande composição aberta a outras composições. Um ator que possui essa “intensidade de vida” seria, assim, um ator que teria essa capacidade de composição, diferenciação qualitativa e que se autogeraria em fluxo constante. A compreensão do conceito de vida, aqui, “... inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo. (...) E ao descolar-se de sua acepção predominantemente biológica, ganha uma amplitude inesperada e passa a ser redefinida como poder de afetar e ser afetado, na mais pura herança espinosana” (Pelbart: 2003, 39).

Dessas rápidas pré-definições de VIDA e PRESENÇA podemos inferir algumas questões importantes para o âmbito de uma pesquisa com presença cênica que articula o conceito de vida:

- 1) Tanto a definição de presença como a de vida explanadas pressupõem aspectos relacionais e composicionais e ambas rejeitam a questão de atributos específicos de corpos individuais. Essa constatação nos leva a territorializar as pesquisas futuras nessa área em um campo teórico-prático de um fazer/pensar composicional, relacional, portanto, social e coletivo. Dessa forma, pensar a questão de “efeitos de presença” e “vida” como formas de composição que intensifiquem qualitativamente as ações coletivas dos corpos envolvidos nos leva - na ação macroscópica - a um

posicionamento micropolítico de resistência às formalizações sensíveis já capturadas e pré-estabelecidas e à invenção de possíveis outras composições.

- 2) A especificidade de relação entre presença e vida é que a vida é pensada como uma força inventiva composicional e presença é experimentada como uma relação concreta entre corpos que em sua tensão de encontro gera maior ou menor intensidade. Essa constatação nos lança diretamente no terreno da experiência, já que a tensão do encontro dos corpos geram, sempre, intensidades de maior ou menor grau. As perguntas norteadoras para futuras pesquisas nesse escopo podem ser recortadas da seguinte forma: como proporcionar espaços de experiências que realizam “efeitos de presença” geradores de maiores graus de intensidade? E como esse grau de intensidade pode lançar a experiência em composições inventivas? Ou ainda, como vincular a experiência a uma “vida” enquanto intensidade?

### **Bibliografia Citada**

- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006.
- COLLA, Ana Cristina. **Caminhante, não há caminho. Só rastros**. São Paulo: FAPESP, Perspectiva, 2013.
- COLLA, Ana Cristina. **De minha Janela Vejo**. São Paulo: FAPESP, Editora Hucitec, 2006.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FABIÃO, Eleonora. **Corpo Cênico, Estado Cênico**. Revista Contraponto, Univali, Santa Catarina, V. 10, 2010.  
<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2256>. Data de acesso: 15/10/2012.

ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



- FERRACINI, Renato. **Café com Queijo: Corpo em Criação**. São Paulo: FAPESP e Editora Hucitec, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich, **Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir**, Rio de Janeiro: Contraponto e Editora PUC-Rio, 2010
- MATURANA, Humberto, e VARELA, Francisco. **De máquinas e seres-vivos – Autopoiése – A organização do vivo**. Trad. Juan Açuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- OIDA, Yoshi. **O Ator Invisível**. Colaboração de Lorna Marshal. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Beca, 2001.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Trad. Maria Lúcia Pereira e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SIMONDON, Gilbert. **A Gênese do Indivíduo**. In Cadernos de Subjetividade. PUC/SP. São Paulo, 2003.
- PELBART, Peter Pál. **Poder sobre a vida, potência da vida**. LUGAR COMUM, No.17, pp.33-43: 2003. Disponível em:  
<http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/17/06%20PODER%20SOBRE%20A%20VIDA%20POTENCIA%20DA%20VIDA.pdf>